



Samantha Marques
Radialista

No ar: uma mulher, um sedutor em ondas sonoras e milhares de ouvintes filhos desse amor

Maria do Socorro Marques Vieira começou a flertar com o rádio muito cedo, novinha. Aliás, nessa época, era tão jovem que nem era correspondida. Mas o tempo foi passando, as afinidades aumentando, tornaram-se noivos na surdina, e, a contragosto da família, o casamento veio e lhe mudou o nome para Samantha Marques. São felizes há mais de trinta anos. Nesse período, o matrimônio fez dela a voz feminina mais conhecida da comunicação cearense. Em troca, Samantha devotou ao rádio tudo e um pouco mais do que a melhor esposa poderia. Amor recíproco e incondicional.

A mãe, dona Dina – figura clássica da sogra – não era lá muito simpática ao genro. Tomava-lhe como a um aventureiro astuto, com intenções subliminares, para quem perderia a filha predileta. Como no conto de fadas tradicional, a heroína confiava ao pretendente a sua inocência e juventude. E a ele se entregou. E se entrega continuamente até hoje, sem bifurcações à vista, sem vislumbrar separação. Na sua relação com o rádio, Samantha desfia diariamente, uma a uma, as características do que o mundo convencional chamou de amor. Amor, porque somente a completude simbólica deste termo pode explicar o desvelo profissional que modula a voz de “nossa melhor amiga”.

Samantha Marques é emotiva, apaixonada pelo que faz, pelas famílias de nascimento e casamento. E romântica. Um tipo de romantismo das antigas, sem concessões. Os outros relacionamentos que teve e tem são todos a reboque do rádio, trilhando o caminho já desenhado pelo rádio, com as energias que ele lhe deixa. Samantha Marques é toda do rádio. Virou sinônimo de radiofonia. Entrou definitivamente para a família do marido. Com ele viajou por ondas curtas e médias; graves e agudos; “na alegria e na tristeza”. No ar.

Tiveram filhos. Muitos. Todos os dias, Samantha fala com eles; ouve-lhes os problemas; dá-lhes conselhos; entrega-lhes prêmios etc. Tenta ser a melhor amiga de sua incontável prole espalhada pelas ruas, casas e pelos ônibus da cidade. Samantha Marques é uma mãe ciosa de sua cria; regozija-se por tê-los em grande quantidade e por lhe serem fiéis. Uma mãe protetora. Provavelmente, lembra-se deles todas as noites, preenchendo o vazio da casa onde mora sozinha na Parangaba. Vazio apenas menor que o espaço dedicado às lembranças em seu coração de todos os pequenos momentos que ajudaram a construir o ser que acredita ser.

Samantha quis que a entrevista fosse em um estúdio de rádio. Foi como se dissesse à *Revista Entrevista*: “Venham a minha casa, conheçam-me de verdade”. Esse lugar é um templo para ela. Ali, encontra-se a si mesma, sem desvios, sem conseguir mentir ainda que tentasse. Emociona-se ao se medir sem o amor de sua vida. Os olhos se enchem de recordações e de desejo pelo porvir. Não há limites nem data de validade para essa relação. Não vislumbra um futuro desvinculado. Parece aos poucos tentar se armar para a pior batalha: acostumar-se à ideia da perda daquilo que lhe é mais importante.

Por tudo isso, quando se ouve Samantha Marques no rádio, pode-se entrar na casa dela; sentir-se no melhor lugar da sala, apreciando discretamente a visão. Ouvi-la trabalhar é compartilhar intimamente de sua vida. É poder observar o cerne de todas as suas questões. É poder viver a vida dela. Nesta entrevista, entende-se porque se pode ser adotado facilmente por esta mulher, ser mais um entre os tantos filhos-ouvintes desta comunicadora, que um dia foi apenas a Socorinha, depois virou a Samantha, e hoje é o próprio rádio.

Equipe de Produção:

Emília Morais
Mariana Lazari
Narjara Rocha

Texto de abertura:

Vinícius Mota

Participação:

Bruno Falcão
Camilla Carneiro
Emília Morais
Geimison Maia
Janaina Bras
Mariana Lazari
Narjara Rocha
Priscila Tavares
Vinícius Mota
Yuri Leonardo

Fotografia:

Iana Soares



Entrevista com Samantha Marques, dia 22 de outubro de 2009

Emília – Samantha, a gente vai começar falando sobre as lembranças da sua infância. A família era grande, vocês faziam muitas viagens, muitas mudanças... Quais as lembranças que você tem dessa época que já lhe dão essa ligação tão forte, hoje, com a sua família?

Samantha – Ah, eu tive uma infância... Não é que seja tão pobre. Eu tive uma infância difícil, mas ao mesmo tempo muito bem amada, né? Porque esse vínculo realmente de carinho que eu tenho com a minha família é exatamente pelo amor que eu sempre recebi. Mesmo pelo puxão de orelha aqui e ali como tem de ter, não é isso? Os valores morais que eu sempre faço questão de falar nas minhas entrevistas, que hoje estão raros, mas a gente sempre foi muito bem criada, muito bem criado e sempre muito amado, apesar das dificuldades.

Emília – E os oito irmãos? Como era o convívio em casa com tanta criança?

Samantha – Foi sempre bem, graças a Deus. Há as divergências, as diferenças, as briguinhas, sempre têm com toda família, né? Lá em casa, a minha família sempre quis as coisas muito certinhas. Se eu tivesse qualquer discussão ou qualquer diferença com um irmão, tinha de chamar, colocar um frente ao outro e cada um dava sua versão e ficavam meu pai e minha mãe analisando. Às vezes, chegava até a dizer assim: "Cada um vai se ajoelhar ou vai pedir perdão um ao outro." Então, a gente teve sempre uma infância bem dirigida, bem familiar mesmo e bem rígida. Lá em casa tinha isso, tinha todo mundo que obedecer... Ou obedecia ou levava uma surrazinha, umas palmadinhas.

A minha família sempre quis muita união. Claro que todos os irmãos não têm a mesma personalidade, não é isso? Não é igual, ninguém é igual. Mas a minha mãe ensinou muito a questão do perdão, da desculpa. Naquela época, como a dificuldade era grande mesmo, tinha hora que a gente não sabia se meu pai vinha com dinheiro ou se não vinha. É engraçado, teve altos e baixos. Teve uma época na nossa vida que a gente foi criado com muita fartura. Minha mãe vem de uma família que gosta muito de fartura, de conforto, essas coisas. Quando houve a questão do meu pai sair, abandonar... Quase abandonar de vez a gente, nós sentimos um baque muito forte, a gente estava acostumado a comer bem, ter um pouquinho de conforto... Minha mãe é muito otimista. Ela nunca acha que amanhã o dia não vai estar legal... E ela ensinou a gente a ser assim.

Mariana – Vocês ficavam mudando muito de

cidade, né? Isso era ruim na convivência com a família?

Samantha – Meu pai, na realidade, foi construtor. Ele era uma pessoa tão inteligente... Ele era muito convidado pra trabalhar em construtoras e a gente mudava realmente de lugar sempre. Isso fazia com que a minha mãe ficasse muito preocupada com o andamento dos nossos estudos. Porque, às vezes, a gente começava a se adaptar, né? Ou então ficar naquele colégio e, de repente, tinha de arrumar as coisas, as malas e partir de novo. Foi meio difícil, mas valeu.

Bruno – Samantha, quando foi que sua família veio pra Fortaleza (*Samantha veio com os irmãos e os pais do município de Iguatu, que fica na região Sul do Ceará, a 377 km de Fortaleza*), e qual foi o motivo?

Samantha – Bom, nós viemos aqui pra Fortaleza mais ou menos em 1966 (1966, 1967). Porque nós não aguentávamos mais viajar pra lá e pra cá. A gente começou a dar um avanço nos estudos e minha mãe pensou o seguinte: "Eu não vou mais lhe acompanhar, porque agora a gente tem de parar em algum lugar, né? E comprar uma casa." Isso minha mãe falou pro meu pai: "Vamos parar em algum lugar e vai ser Fortaleza." E a gente chegou. Na realidade, teve um problema seriíssimo logo na nossa chegada, porque a minha tia, que tinha nos acompanhado durante todo esse tempo, e até dava uma ajuda muito grande com as crianças, sofreu um suicídio. Que isso não foi contado (*para a equipe de produção*)... Foi dentro da nossa casa, no meu quarto. Isso foi um trauma muito grande, em Parangaba (*bairro de Fortaleza*), nós tivemos de mudar pra uma outra casa, porque as lembranças eram tristes. Foi difícil a gente superar esse problema, essa perda, porque ela era uma tia muito querida... Não era babá, porque era da família, mas era uma pessoa que tinha muito carinho, sabe? Nos momentos que minha mãe não estava em casa, ela que cuidava dos pequenos. E aí ela sofreu esse suicídio, a gente nunca descobriu por quê.

Geimison – Qual era sua idade na época?

Samantha – Ah, eu não me lembro não, gente, mas eu era novinha... Eu acho que eu deveria ter uns treze, doze pra treze anos. Eu já começava a brincar de querer ser radialista (*ri*). No colégio, tinha uma história de eu ir atrás de um funil, fazer um microfone, pra acontecer a brincadeira no palco, acontecer um evento. Sempre eu tava na frente, na linha de frente pra fazer a coisa, pra aparecer, né? (*risas de todos*) Hoje eu tenho

A decisão pelo nome de Samantha Marques movimentou a turma. A vitória de nossa entrevistada aconteceu em uma disputa acirrada. Com um voto de diferença, Samantha foi escolhida como personagem da revista e a turma comemorou muito.

O convite para a entrevista foi um episódio curioso dessa história. Emília, integrante da equipe de produção, foi até a FM 93 e só conseguiu falar com Samantha enquanto ela apresentava o Disque e Toque. No ar, Samantha disse que aceitava a proposta.

Na ocasião, Emília entregou-lhe as edições número 20 e 21 da Revista Entrevista. Samantha adorou a entrevista com o jornalista Caco Barcellos e disse que para o projeto só eram convidadas pessoas que brilham.

tanto medo de aparecer, sou tão tímida, mas na época já viu, tudo valia naquela época. Nossa!

Janaina – Samantha, chegou a um ponto em que você, Socorrinha, já ensaiava um rádio. Como era a repercussão disso dentro do colégio? Existia uma repercussão disso?

Samantha – Existia. Às vezes eu ia para um lugar e sempre tinha alguma coisa que eu inventava de fazer. Era como se fosse teatro.

Janaina – Você começou a locução já no colégio?

Samantha – Não, não, no colégio, não. Não é que eu pensasse em ser locutora, é porque eu tinha vontade de participar, de falar para um público, né? Um público que tivesse naquele auditório que tinha no colégio... Até aqueles negócios de Educação Física, ficava aquela rodinha de pessoas: "Ah! Samantha (nessa época, ela ainda era a Socorrinha) agora vai falar sobre o tema de hoje." Então, tinha essas coisas (ri). Do nada eu inventava um tema ou um discurso ou uma palestra, entendeu?

Vinicius – Você tem uma relação muito próxima com sua mãe, com sua família de um modo geral...

Samantha – Tenho demais!

Vinicius – Dá pra dizer que você era a filha preferida dela ou não tinha isso?

Samantha – (ri) Isso realmente é um problema, porque de uns dez anos pra cá, de uns dez a doze anos por aí, eu passei a morar só. Isso pra mim foi uma loucura, porque, apesar dessa criação, que você tem que saber fazer tudo, saber se defender, e também ser generosa, eu fiquei muito insegura quando eu fui morar só. Eu fiquei tão triste!

Porque, gente, eu cheguei a um ponto que eu disse: "Meu Deus, eu pedi tanto pra ter sucesso, conseguir meu espaço, mas não a ponto de eu querer sair da minha casa porque eu não tinha mais sossego." Chega um ponto forte da sua vida profissional que você... (silêncio) "Puxa vida, eu não sou mais eu." É tanto que hoje em dia eu digo assim: "Meu Jesus, eu não sou a Madonna, eu não sou a Xuxa, eu não sou Roberto Carlos, eu não sou isso nem sou aquilo, essas celebridades tão fortes, né, pra não poder

"No colégio, tinha uma história de eu ir atrás de um funil, fazer um microfone, pra acontecer a brincadeira no palco, acontecer um evento"

O caminho da produção começou na casa de Miguel Ângelo de Azevedo, Nirez, em uma conversa sobre a trajetória das mulheres no rádio cearense. Nirez ainda ajudaria a equipe na edição final da entrevista.

ter sossego." Eu cheguei a esse ponto, eu precisava ter mais privacidade, eu passei a trabalhar mais, a ter outras funções que eu precisava chegar em casa e ter mais tranquilidade. E a minha mãe não compreende esse tipo de coisa.

Eu só tinha uma irmã que era a favor que eu trilhasse esse caminho do rádio, mas a minha mãe mesma e o meu pai queriam que eu fosse médica, psicóloga, professora, tudo menos ser radialista. Quer dizer, eu sempre bati naquela tecla, corri atrás, que eu acho que você tem de correr mesmo.

Eu fui morar só por conta disso. A minha mãe é muito acolhedora, muito generosa, as pessoas virem do interior e dizer que querem ir pro médico e ela dizer (ênfase a entonação): "Pode ficar aqui (se referindo à casa da família). Pode ficar no quarto da Samantha, não tem problema, ela não vai achar ruim de jeito nenhum (falando como dona Dina)." (risos) E eu tinha de achar bom. (risos de todos) Então, pra não entristecê-la, pra ela não ficar chateada: "Não, mãe, tudo bem, mas não ofereça tanto assim, porque, puxa vida, eu quero estudar, ou então eu quero me concentrar em algum trabalho que eu vou fazer." Eu passei a me ocupar demais, gente!

Emília – Na época do colégio, o que passava pela sua cabeça quando você imaginava a profissão, quando você imaginava ser radialista?

Samantha – Eu acho que quando você quer alguma coisa na sua vida, você tem de imaginar bem, mas você tem de botar o pé no chão. Eu ficava pensando: "Será que eu vou me adaptar a isso? Será que dá certo comigo?" Tem umas coisas no rádio, que tem muita gente que chega e diz assim: "Samantha, você só nasceu pro rádio porque você é uma excelente profissional, mas as suas atitudes não são de radialista." Nem todo mundo é igual, claro, mas também às vezes tem radialista que chega na profissão e, de uma hora pra outra, acha que é uma celebridade. E eu acho que não é por aí. Eu não tinha esse suporte todo da minha família, eu não tinha padrinho, só Deus, né? Eu não tinha minha mãe, nem meu pai pra apoiar. Então, é muito cruel quando você quer exercer uma profissão, sonhar com aquilo que você quer ser e você não saber a quem recorrer. Qualquer coisinha que desse errado, como algumas decepções que eu passei, eu tinha de engolir seco, chegar em casa e não dizer nada. Porque meu pai dizia: "Não era isso que você queria? Então sofra as consequências!" Você tem de estar preparado para isso, porque nem tudo são flores. Eu realmente tinha medo.

O meio, na época, era muito complicado pra você ingressar, mas mesmo assim eu pensava que eu ia conseguir, ia ser difícil, mas eu ia conseguir. Agora, não assim pra aparecer, sabe? Você vai dizer assim: "Ah, Samantha, nada disso massageia seu ego?" Claro que sim. "Nada disso é importante, alguém lhe parar (na rua)?" Claro que sim, ninguém vive sem assédio. Eu acho que eu não estou preparada é para deixar. Até pra começar pra mim foi mais fácil, agora pra deixar é meio complicado. Porque você está acostumado, você se dedicou a sua vida toda.

Bruno – A sua mãe falou para a equipe de produção que você era muito emotiva...

Samantha – Você já está sabendo disso? (*risos de todos*)

Bruno – Que quando era criança, você gostava muito de chorar. Você ainda carrega isso na sua vida?

Samantha – Demais... Ave Maria! Nossa Senhora!

Priscila – Por que esse choro?

Samantha – Engraçado, pelo que eu sei minha mãe nunca descobriu por que esse choro. Eu acho que eu chorava do nada. Como é que pode a pessoa chorar do nada? (*se questiona*). (*Simula um diálogo com a mãe*): “Nossa pelo amor de Deus, mãe, de onde foi que surgiu essa história?” “Não, minha filha, você ia lá pro quintal, pra um chiqueiro.” “Mamãe, mas o que é que esse porco tinha a ver com a minha vida?” “Não, minha filha, você ia pra lá, choraaava.” As pessoas chegavam: “Por que essa menina tá chorando tanto? Tão bonitinha, tão gordinha...” Eu nunca descobri (*porque chorava*).

Priscila – Você acha que esse seu perfeccionismo veio dessa educação rigorosa demais? E o que é que você sente sendo uma pessoa pública? Se sente muito mais cobrada? Como é que você lida com isso?

Samantha – Muito cobrada. As pessoas pensam que eu não choro, que eu não sofro. É tanta coisa incrível que acontece na minha vida, no dia-a-dia. Porque a gente contando quase ninguém acredita. Olha, até se estiver simples... “Mas por que a Samantha está tão simples? Por que ela não se maquiou?” Hoje: “Por que que ela não casou?” Graças a Deus hoje eu estou noiva! Desencalhada (*risos*). A pessoa nunca entende que você tem sua opinião própria, que você tem suas escolhas, que é você quem sabe da sua vida. Exatamente por eu ser essa pessoa pública, eu pago um preço altíssimo, em tudo que você possa imaginar! É na roupa, é na idade. Agora, graças a Deus que eu convivo muito bem com a minha idade. Eu disse que não ia dizer, mas vou dizer hoje (*risos – desde a primeira pré-entrevista que Samantha adia o momento de dizer a idade*).

Geimison – Você falou para a equipe de produção sobre as dificuldades financeiras que sua família passou quando o seu pai saiu de casa. Que outros impactos a saída dele trouxe para a sua família? E como foi recebê-lo de volta 35 anos depois?

Samantha – Essa é muito forte, tem de respirar bem, né? A questão do meu pai ter saído de casa... Às vezes eu dizia que a mudança tinha sido só geograficamente falando, porque a minha mãe não queria que os meus avós soubessem que meu pai não estava mais muito presente em casa. Então isso ficava muito escondido. A minha mãe também não gosta de que ninguém saiba do que está acontecendo. Ela dizia assim: “Minha filha, no seu trabalho ninguém precisa saber se você está com problema na sua casa.” A questão aí foi porque a gente passou por muitas dificuldades e ninguém sabia, era barra, viu?

Eu já trabalhava... É engraçado, meus irmãos



não trabalhavam ainda antes do meu pai sair. A gente vivia com muitas dificuldades, mas superando, superando, dava tudo certo. E com a presença dele, a gente fica mais forte, né? E (*ele*) saindo quebra aquele elo, aquele vínculo. (*A mãe*) ficava dizendo: “Quando seu pai chegar, faça de conta que nada aconteceu.” Vamos supor que fosse Dia dos Pais, fosse Natal, e ele não chegasse, nem desse bom Natal pra ninguém, nem feliz ano novo, não tinha problema nenhum. Quando ele chegasse, o presente de Natal dele tinha de estar lá, o presente do aniversário também. A gente sempre fez isso pra não desgostá-lo.

E, com isso, os filhos não sabiam de nada do que ele fazia, do que ele aprontava. Minha mãe foi várias vezes atrás dele e sorria rejeição. Chegava (*em casa*) e não contava pra gente. Exatamente por isso de ter acabado com alguns bens que a gente tinha – poucos, mas ele acabou –, por conta dessas andanças por aí... Quando ele voltou realmente nem todo filho queria. Os filhos ficaram revoltados: “Ah, eu me formei e meu pai não estava aqui pra minha formatura. A Samantha recebeu não sei quantos troféus e ele nunca foi lá. O Fulano casou, não entrou com o pai.” Isso é triste, não é? Então tudo isso, toda essa dificuldade, toda essa ausência, eram muito fortes pra gente superar.

Mariana – Mas ele ficava voltando em casa?

Samantha – Ficava. Ele passou esse tempo todo e nem ele se divorciou, nem minha mãe teve esse negócio de desquite, divórcio. Ela achava que não tinha de ir para cartório se divorciar, ela tinha de manter o casamento dela, mesmo com ele ausente. Então a volta foi essa: um dia ela chegou pra gente e disse que ele estava querendo voltar. Eu digo: “Mãe, como é que a senhora está recebendo o papai? Como é que a senhora vê isso, como é que a senhora se sente, sente esse retorno, essa volta pra casa?” (*A mãe respondeu*): “Não, ele tem casa, se ele quiser voltar tudo bem, agora os filhos... Vamos ver.” Alguns dois ou três (*irmãos*) não queriam a

O pesquisador, sempre muito solícito, disponibilizou informações de seu acervo para que fossem feitas algumas das referências utilizadas ao longo da entrevista.

A equipe tentava agendar uma conversa com Will Nogueira e não conseguia devido à agenda lotada do diretor. Então, na “cara e na coragem”, o trio foi esperar – a tarde inteira se fosse preciso – na porta da FM 93. Foi mais fácil do que se imaginava!

Will disse que Samantha casou com o rádio. Além disso, lembrou que ela é muito religiosa e muito apegada à família.



volta dele. Uma vez eu disse: "Meu Deus, você tem de me dar força pra fazer uma reunião com essa família." Eu cheguei e disse: "Gente, o negócio é o seguinte, o papai tem de voltar pra casa, ele é o nosso pai, errar é humano. O que foi feito, foi feito, foi, acabou. Então vamos voltar (*aceitar*) porque ele não pode ficar nessa situação." Até porque ele estava com começo de catarata... E aí a gente começou a se preparar para tê-lo de volta. Foi muito complicado, muito triste, né?

Graças a Deus, ele ficou. Hoje, ele às vezes chora, porque na época ele dava aqueles presentes pra gente... Certa vez, eu cheguei na carteira dele e coloquei um dinheirinho lá. Eu disse: "Pai, eu vou colocar esse dinheiro aqui pra carteira do senhor não ficar vazia, porque o senhor mexeu com tanto dinheiro, teve tanto dinheiro por aí, vou colocar esse dinheirinho aqui pra não perder o costume." (*ri*) Tudo isso são fases que mexem com sua emoção, com sua sensibilidade, mas graças a Deus... A gente está superando. Ele está lá, já está com quase oitenta e cinco anos de idade.

Eu fiquei muito revoltada quando estava na televisão pra receber um arquivo confidencial (*homenagem para artistas com depoimentos de familiares e amigos*). E lá era tanta coisa, mexeram com tanta coisa, foram na minha casa... Eu sou muito discreta. Não gosto de gente furdunçando (*bisbilhotando*) na minha casa, filmando a casa da minha mãe... Então fizeram tudo isso, porque foi ordem lá do diretor (*da emissora*) que tinha de ir e tal... Aí ele (*o pai, seu Laurindo*) fez um gesto muito forte na televisão. Ele queria dizer alguma coisa pra mim... Ele só disse: "Eu te amo", e fez assim: (*faz o gesto*) soltou um beijo. Foi a primeira vez em TV, aliás, publicamente, que eu falei desse problema que tinha acontecido. E teve gente que falou – claro que foram poucas pessoas –, que eu estava fazendo média na televisão, querendo dizer que eu era boazinha. Então você não sabe como é que agrade.

Janaína – Samantha?

Samantha – Oi, fale minha linda.

Janaína – Você acabou de falar numa grande figura masculina na sua vida (*o pai*), e a gente, através da produção, ficou sabendo também que o Longristarnes (*atual noivo de Samantha*) foi o amor de infância. Conta pra gente essa história.

Samantha – Ah é, eu estava falando de família, agora vou falar da vida pessoal afetivamente, né? Homem e mulher. O Longristarnes, que a gente chama de Longues, foi o meu primeiro

namorado praticamente, né? Claro que, na minha adolescência, tinham aqueles paquerinhas. Paquerava muito... Era bonitinha, a perninha grossinha, bem feitinha, tudo em cima (*risos de todos*). O meu namorado, que hoje é o meu noivo, ele foi aquele namorado que o pai fica ali vigiando. Namora em casa, cadeirinha... E é impressionante como isso eu gosto! Eu gosto daquela pessoa família. O Longues foi essa pessoa muito... Uma pessoa simples, que trabalhava, estudava, e aquele amor de adolescente que a gente sentia.

A gente se desencontrou. Ele foi embora (*para trabalhar em São Paulo*), não deu certo, eu também já passei a me preocupar com o meu trabalho, com essa profissão que eu queria tanto, e aos olhos dele não dava certo... Se bem que ele só foi analisar isso dez anos depois, quando ele voltou pra gente se reencontrar, e foi nesses dez anos depois que eu disse pra ele que não dava certo continuar por isso. Porque eu tava empolgada com o meu trabalho, eu tinha de seguir e ele não queria que eu seguisse, queria que eu fosse pra São Paulo, morar lá, casar.

Mas ele foi embora, eu não soube mais notícia desse homem, nem nada, segui minha vida, namorei outra pessoa, quase casei também. Depois de muito tempo, acho que mais de vinte e cinco anos, ele retorna. Eu sempre tinha notícias, muito vagas, a mãe dele continuava muito amiga da minha. Mas ele foi embora, resolveu a vida dele, eu não quis, deixei bem claro que não queria, que ele podia casar com quem quisesse, vivesse a vida dele, me esquecesse, que realmente não tinha nada a ver. Primeiro que jamais ele viria pra cá, ele dizia, e eu também jamais iria pra lá.

Aí ele voltou, mais ou menos há uns seis anos, e a gente retomou esse... Reacendeu essa chama (*ri*) que eu nem esperava acontecer. É muito bom porque ele é uma pessoa que não me vê como Samantha, muito pelo contrário, até ele se acostumar a chamar Samantha foi um sacrifício, porque era Socorrinha, Socorrinha... Ele me chamava de Socorro. Maria do Socorro Marques Viera é meu nome, né? Então era Socorrinha pra cá, Socorrinha pra lá. Corrinha pra cá, Corrinha pra lá, até ser Samantha.

A questão hoje é porque ele não entende... Ele pergunta: "Amor, você vai deixar sua profissão?" Aí volta atrás, diz que está tudo bem, que torce por mim... Tudo bem que torça, mas entenda o meu trabalho, né? Eu digo: "Rapaz, eu vivo do meu trabalho pra casa, tá difícil uma noiva dessas. Noiva radialista comportada desse jeito tá difícil, viu?" (*ri*) Mas, graças a Deus, foi boa a volta, e eu espero que dessa vez dê certo.

Mariana – Vai casar?

Samantha – Vamos. Ele já decidiu que no ano que vem (*2010*)...

Geimison – Samantha, vamos falar um pouco de rádio, agora? (*risos*)

Samantha – O meu noivo tinha de estar aí, senão ele ia ficar chateado. (*risos*)

Geimison – Como foi o início da sua carreira, como tudo começou e qual foi a reação da sua família nessa escolha?

Para conseguir encontrar Samantha, a produção incomodou bastante alguns colegas de trabalho dela. Foram várias ligações para Diana, produtora do Disque e Toque, e Antonio Carlos, assistente da gerência da rádio. Dois amigos de longa data.

Samantha – Dificílimo, porque quando eu entrei mesmo no rádio... Eu entrei em 1976 – sendo realmente convidada, convidada, não... A pessoa ouviu a minha voz no Centro de Turismo de Fortaleza (*Emcetur, que funciona no antigo prédio da Cadeia Pública*). Lá eu era funcionária da Empresa Cearense de Turismo e tinha o serviço de som que eu comunicava os avisos da empresa. E como eu nunca gostei de acompanhar muita coisa escrita, muita pauta, aí eu começava a elogiar o povo dos boxes (*risos*). Eu dizia: “Gente, quem é que está mesmo visitando o Centro de Turismo?” Aí um dia era o Caetano Veloso, outro dia era a Gal Costa. Daí, fizeram o Teatro da Emcetur e nesse teatro foi que eu me esbaldei mesmo, porque lá tinham os eventos e eu era convidada pra ir porque eu era a única pessoa que tinha essa função de comunicadora.

Lá nessa empresa, funcionavam os boxes de vendas e lá em cima funcionava o Museu da Emcetur e a administração, mas eu mesma ficava lá embaixo, nesse serviço de som, botando pra quebrar, falando tudo que eu tinha direito! E o pessoal dizia: “Mas que moça simpática! Como é que ela sabe que fulano de tal tá aqui?” Deixe que eu tinha minhas fontes, né? Como se fosse um repórter lá fora. Antes dessa história de Emcetur, que era por volta de 1973, 1974, 1975, eu já tinha peregrinado bastante nas portas de rádio. Eu chegava nas portarias e pedia pra fazer um teste. O pessoal dizia: “Minha filha, vá estudar” (*e ela respondia:*) “Não, mas eu estudo, é porque eu quero ser locutora.” Era aquela coisa bem humilhante, sabe? Então eu passei por tudo isso, passei por vários testes, passava (*era aprovada*), mas não tinha vaga. Foi muito sofrimento, viu?

Yuri – E a família?

Samantha – A família nada de saber dessa história, não. Quando eu fui para o Centro de Turismo, minha mãe ficou muito feliz, né... Disse: “Não. Agora ela vai matar o verme dela lá. Vai falar nesse microfone até não querer mais” (*risos de todos*).

Geimison – Foi lá que entrou na carreira do rádio?

Samantha – Um belo dia, chegou um diretor da Rádio Assunção (*emissora que surgiu em 1962 pertencendo ao Arcebispado de Fortaleza. Seu nome era Rádio Nossa Senhora da Assunção. Foi a última das emissoras AM da primeira leva*), seu Geraldo Fontenele (*surgiu na Rádio Iracema de Fortaleza como dirigente e produtor. Posteriormente, teve um jornal e entrou na Academia Cearense de Letras*) – já se foi – e disse: “Rapaz, eu quero conhecer essa moça.” Ele chegou lá, aquele cara bem contido, bem austero... Ele disse: “Eu gostei muito da sua voz.” Esse senhor perguntou se eu queria fazer um teste. Eu contei a história para ele. Eu disse: “Olhe, seu Geraldo, eu já vivo tão humilhada, de passar em rádio e pedir emprego, pedir para fazer um teste e o pessoal ficar debochando, dizendo que ‘vá estudar, que rádio não é futuro’”. Eu nunca esqueci, ele disse: “Olhe, você tem muito futuro e eu vou lhe dar essa oportunidade. Eu vou arranjar uma vaga para você só que vai ser à

noite, de oito até dez horas. Eu vou fazer uma avaliação e tudo... Porque você tem a voz muito bonita. Você sabe se expressar bem. Como é que pode o rádio não ter ainda lhe dado essa oportunidade?” Eu fui fazer esse teste, passei. Pedi as contas (*da Emcetur*) e fiquei trabalhando à noite.

Nisso, eu estudava e trabalhava à noite. Agora você veja bem: sair da Rádio Assunção dez horas da noite por aquela Visconde de Sabóia (*rua localizada no centro de Fortaleza, próxima à Praça do Ferreira*). E os carões (*brincas*) que eu levava? Eu digo: “Mas, minha mãe, é o único jeito que eu tenho. Porque agora eu vou ser realmente reconhecida, eu vou ter uma oportunidade de trabalhar”. Porque ele (*Geraldo Fontenele*) me garantiu: “Olhe, a partir de hoje, você vai ter sua carteira assinada” Eu fiquei morta de feliz.

Naquela época, tinha um locutor que era o José Lisboa (*filho do maestro Lisboa, que ensinava música na escola primária. Iniciou carreira como cantor na Ceará Rádio Clube (PRE-9) e Rádio Iracema de Fortaleza (ZYR-7) passando depois a produzir. Foi locutor na segunda, onde também foi discotecário. Atualmente, mantém um programa na Rádio Parreão*). Não sei se ele ainda está no rádio. Ele era o bam-bam-bam na época, sabe? Ele era a maior audiência que tinha no rádio. E eu ficava assim admirada lá no estúdio, dizendo: “Nossa, como esse cara tem audiência”. O telefone tocava demais. Hoje quando eu vejo tudo isso no meu trabalho. É engraçado como a coisa muda.

E ele (*Geraldo Fontenele*) me deu essa oportunidade. Só que ele era uma pessoa muito sincera. Com um ano e meio mais ou menos que eu trabalhava lá, eu não aguentei. Eu disse: “Seu Geraldo, eu não aguento trabalhar aqui. Minha família todo dia briga comigo. Eu já tô já para perder minha família”. Eu disse: “O senhor tá certo, o senhor já me deu a oportunidade, muito obrigada, e tal...” Passei uns mesinhos sem trabalhar. Depois, eu fui trabalhar na Ceará Rádio Clube (*Emissora que surgiu em 1934 pertencente aos irmãos José e João Dummar, sendo depois vendida ao grupo Diários e Rádios Associados, a quem ainda pertence. Era conhecida pelo seu prefixo: PRE-9*). A Ceará Rádio Clube era um... Tinha rádio, TV e tinha um jornal, na



Falando sobre a popularidade de Samantha, Antonio Carlos contou que, quando os dois vão almoçar, os garis que passam pela rua mandam beijos e acenos para a radialista.

Para elaboração da pauta, a produção teve duas longas conversas com Samantha. Na primeira vez, o momento mais delicado foi quando a radialista começou a chorar ao lembrar da época em que o pai saiu de casa.

O segundo encontro aconteceu no restaurante de uma "amiga-fã" de Samantha. Além da própria Samantha, dona Dina (mãe) e Solange (irmã) contaram histórias da família e curiosidades sobre a vida da radialista.

época, parece que era o *Correio do Ceará*. Então, era um complexo...

Narjara – Samantha, na Ceará Rádio Clube, você teve experiência com reportagens externas. Como é que era isso?

Samantha - Tive. Vamos supor, Sidney Magal (*cantor e ator brasileiro, que teve seu auge de sucesso nos anos 90 com músicas sensuais*), que agora não é mais como antes, né? Mas antes ele fazia o maior sucesso, né? Então, eu tinha que ir no hotel que o Sidney Magal estava, levava um gravadorzinho, que não era esse tão lindo (*diz apontando para um dos gravadores sobre a mesa*), era um bem grande, e fazia uma matéria com ele. Porque eu fazia um horário durante o dia. Aos sábados, eu tinha um horário que era Sábado Especial ou era Sábado com Você, uma coisa assim. Sei que era um horário que só era entrevistas externas. Eu fazia as atrações do final de semana, meu trabalho era esse. Então, por essa razão que eu mexi com tudo. Policial... Aprendi de tudo lá, fiz programação... Fiz esse programa...

Camilla - Samantha, quando foi que veio a aceitação da família?

Samantha – A aceitação da família foi muito lenta, sabe? Porque tinha dia que eu queria fazer uma graça e dizia: "Mãe, mas a senhora ouviu o rádio hoje? Mãe, eu fiz isso assim, assim e assim, mandei um abraço..." Ela dizia: "Minha filha, não ouvi não. Ouvi nããão, que eu não gosto." Eu ficava tão triiiste, mas eu ficava tão triste (*enfatisa*). "Nossa senhora, mas nem minha família..." Não é triste isso? (*fala rindo para o grupo*). Hoje é difícil também. Ela diz que me ouviu, aquela coisa toda, mas eu acho que... Claro que hoje a aceitação é melhor, né, porque (*ri*) melhorei um bocadinho.

Geimison - Samantha, quando você começou no rádio, existia uma preocupação da sua família em relação a assédio, porque era um ambiente muito masculino? Esse assédio existia realmente ou não?

"Eu não tinha minha mãe, nem meu pai pra apoiar. Então, é muito cruel quando você quer exercer uma profissão, sonhar com aquilo que você quer ser e você não saber a quem recorrer"

A tarde foi recheada de tapioca, bolo de macaxeira, suco de laranja e café. A equipe de produção permaneceu no restaurante da hora do almoço até ser servida a sopa do início da noite. Foi uma tarde animada!

Samantha – Existiu! Muitos assédios. Muitos. Mas é como eu lhe falei, a orientação familiar pesa muito. Esse Geraldo Fontenele, esse senhor, ele foi como um pai. O pai no rádio, eu digo. Ele dizia assim: "Minha filha, tenha muito cuidado. Estou lhe dando essa oportunidade, você é uma menina nova, jovem, bonita, uma menina de família, conservadora... Tenha muito cuidado." Eu acho engraçado que ele já dizia: "Eu vejo lá na frente. Você vai crescer tanto... Porque você é muito estudiosa, você é muito persistente, muito otimista, muito dedicada, você se empenha muito em aprender. São fatores principais para quem quer seguir alguma carreira na vida. Então, você vai explodir de sucesso no rádio." Eu ficava assim olhando para ele (*encena o olhar*). "Por que é que o senhor diz isso?" (*e ele respondia*) "É porque eu acho, eu tenho isso na minha cabeça, desde quando eu ouvi você."

Ele me deu muitas dicas de como é que eu deveria me comportar. Até estava comentando com um amigo meu ontem: "Meu Deus, como era que eu tinha coragem de dizer aquilo ali?" Quando eu sentia qualquer coisa, que a coisa não ia muito no caminho que eu queria, que a conversa tinha andado para outro lado, dizia: "Vem cá. O senhor não tem vergonha não, hein?" Às vezes, era um cara importante. Dizia: "O senhor não tem vergonha de estar falando isso para mim não? Eu sou uma moça de família, viu? Olhe, eu vou conseguir trabalhar honesto, sabe, porque a minha família é honesta". Sei que eu dava uma lição de moral no homem. Assim, do nada, sabe? Saía, assim, do nada.

O ambiente do rádio não é um ambiente administrativo, não é um ambiente de banco, não é ambiente de uma mercearia, de um restaurante. Ele é ambiente artístico. Então você tá convivendo ali toda hora com pessoas, com artistas, com diretores, com produtores. Claro que às vezes criava um clima que não tinha nada a ver com o clima que eu tava me propondo a ter com aquela pessoa. Realmente, eu passei por muitas dificuldades, mas exatamente por isso que hoje eu me sinto muito realizada na vida e feliz... Tô aqui! Sobrevivi (*ri*)!

Bruno - Depois, você foi trabalhar na Rádio Dragão do Mar (*rádio cearense AM, inaugurada em 1958*), com o José Elias (*locutor da Rádio Globo que veio do Rio de Janeiro com a missão de assumir a direção artística da rádio Dragão do Mar*), que criou o nome artístico, Samantha Marques. Como foi que ocorreu a incorporação desse nome na sua vida pessoal, com a sua família?

Samantha - Realmente, é difícil, gente. O meu nome é Maria Socorro (*Maria do Socorro Marques Vieira*). Já pensou, hoje, se alguém chegar no trabalho e disser assim: "A Maria do Socorro tá aí?" Eu digo: "É cobrança, só pode ser (*risos da turma*)". "É cobrança... Ganhei algum prêmio..." Porque, na realidade, na época, nem Socorro era... Era Socorro Marques. Mas, de tanto eu ser uma pessoa muito carinhosa com o povo, eles sempre diziam a Socorrinha. A Socorrinha, Socorrinha para lá, Socorrinha para

cá.

Então, quando esse cara me conheceu foi incrível. Ele (*José Elias*) dizia: "Olhe, como é que você vai se chamar Socorro Marques? Eu não tô doido não. Eu vou lançar você, o seu nome..." Aí pronto... (*José Elias sugeriu:*) "Samantha Cristina, Samantha Regina, Samantha..." Eu disse: "Não. Se você mudar o meu nome, você tem de colocar o meu sobrenome. Eu não vou tirar de jeito nenhum. Eu já entrei no rádio com maior sacrifício. Se eu for mudar o nome e ainda não tiver o Marques, nem sobrenome nenhum... Aí pronto, minha família vai se intrigar total comigo."

Eu cheguei em casa e falei (*que iria se chamar Samantha*). A mamãe (*fala reproduzindo o jeito de falar de dona Dina*): "Mas não é possível uma coisa dessa. Eu não tô dizendo que esse meio traz mudanças absurdas na vida desse povo. Tem gente fazendo sua cabeça." (*Responda:*) "Não, mamãe, é porque a vida é assim mesmo. As pessoas têm nomes artísticos." (*A mãe dizia:*) "Não, mas isso aí não tem nada a ver não, você é apenas radialista." Aí foi aceitando com muita dificuldade.

Ele (*José Elias*) também dizia a mesma coisa que o Geraldo Fontenele, que eu ia ser uma grande profissional da voz, comunicadora e tal. Ele (*José Elias*) dizia que esse nome ia ser mágico, ia dar muuuita sorte. "Com esse nome, Samantha, você vai ganhar dinheiro. Vão abrir tantas portas para você." E, realmente, foi.

Mariana – Mas, Samantha, por que o nome não se manteve apenas artístico e continuava como Socorro em casa?

Samantha – Porque o meu chefe, principalmente o Zé Elias, ele era uma pessoa que admirava muito a minha casa, a casa da minha mãe. Então, (*e/le*) conversava muito com ela sobre isso: "Gente, vocês têm de se acostumar. A Samantha agora não é mais Socorro. Ela é Socorro só quando for lá para o cartório, quando ela for fazer um crediário, quando ela for fazer não sei o que, que seja necessário o nome dela de batismo. Mas o nome dela tem de ser esse". Aí a gente chegava nos lugares, tinha os radialistas me chamando de Samantha. Foram acostumando assim...

Mariana – E você se acostumou?

Samantha – Não, não me acostumei muito rápido não. (*ri*)

Camilla – Você ainda se identifica com o nome? Você se identifica como Socorro?

Samantha – Eu me identifico como as duas. Socorro é aquele nome que minha mãe deu, até porque foi uma promessa para Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. Nós somos católicos. A gente é muito religioso, de ir à missa, de temer a Deus. E o (*nome*) artístico... Acho que veio para melhorar a minha vida no trabalho, como profissional. Acho que mereceu, chegou numa hora boa e tudo. Mas eu me sinto bem.

Yuri – Antes do trabalho com o José Elias, você tinha trabalhado na Ceará Rádio Clube e na TV Uirapuru (*emissora cearense afiliada à Rede Bandeirantes fundada em 1978. Em junho de 1981, deixou de existir, passando a se chamar*



TV Cidade). Como foi para os ouvintes se adaptarem com essa mudança de nome?

Samantha – Na TV Uirapuru, realmente não era ainda Samantha. Quando eu fui conhecer o Zé Elias, ele já estava na Dragão do Mar. Nessa rádio, eu já tinha passado, ó (*gesticula com os dedos*), há anos pedindo emprego e não tinha vaga. Então, chegou esse cara (*José Elias*), revolucionou a programação toda, mudou tudo. E ele chegando aqui em Fortaleza, através do novo diretor, que já ia assumir a Dragão do Mar, ele ouviu um comentário que eu estava fazendo de um filme. Porque eu fui para a TV Uirapuru somente para televisão. Eu achava que, como tinha a Rádio Uirapuru lá, no futuro, com certeza eu ia estar na rádio... Eu não ia conseguir ficar na TV. Aquilo ali para mim era apenas uma coisa nova na minha vida, era mais um desafio.

Na época, era tudo ao vivo. Eu tinha um horário de cinco às dez da noite. E aí eu dizia: "Meu Deus, será que vai dar certo isso aqui? Não tô gostando muito disso não." Porque eu sempre fui muito rádio mesmo. Eu sempre fui muito povo. Eu sempre gostei de estar no meio dos meus ouvintes. Eu sempre gostei de estar perto deles.

Lá quando esse rapaz chegou, "seu" José Elias, ele disse: "Essa voz... É essa pessoa que eu quero para trabalhar comigo". O diretor (*da Rádio Dragão do Mar*) falou: "Olhe, Zé Elias, essa moça foi recém contratada. Acho que ela não tá nem com três meses nessa TV. É uma TV nova, que está sendo inaugurada. E eu acho que ela não vai sair daí porque ela vai ter muito futuro nessa televisão."

E, realmente, já tinham projetos para mim. Lá o diretor, que era o Tancredo Carvalho (*jornalista que atuou no Ceará e depois no sul do país. De volta, foi editor do jornal O Povo. Trabalhou também na TV Jangadeiro. Já falecido*) ligou e disse: "Olhe, Socorro, chegou um cara de fora. Ele tá querendo mudar a programação da Dragão do Mar. Eu sei que você não quer isso aí de TV. Se não tiver rádio, você não quer só TV." Eu pensei: "Sabe de uma coisa? Isso aqui é muito novo para mim. E será que isso vai dar certo?" Aí eu fui, pensei, pensei... Eu fui conversar com ele (*José Elias*)... Cheguei lá (*no bairro Mondubim, região sudoeste de Fortaleza*), looonge que só. "Meu Deus, como é que eu vou conseguir trabalhar aqui?" Eu gostei logo dos projetos dele (*de José Elias*). (*Pensei:*) "Esse é o cara! Com esse, eu vou aprender!" Quando eu comecei a traba-

Nossa entrevistada disse que não gostaria de revelar quantos anos tem e contaria apenas no final da entrevista, o que não aconteceu. Sabe-se apenas que ela nasceu em Santa Quitéria/CE (município a 222 km de Fortaleza) no dia 12 de abril.

Samantha disse que seria interessante que o cenário da entrevista fosse um estúdio de rádio. Então, a equipe de produção falou com o diretor da Rádio Universitária FM, o professor Nonato Lima, que gentilmente cedeu um dos estúdios da emissora.

Pedi também que fosse lembrada com antecedência da data e do horário da entrevista para que pudesse ir ao salão de beleza. Queria estar muito bem nas fotos para guardá-las em seu arquivo pessoal.

lhar, comecei a me apaixonar pelo projeto dele. *(Ele)* não queria que eu fosse só uma locutora, queria me ensinar programação, queria... Queria me ensinar tudo! Mexer em discoteca, ouvir, ter um ouvido apurado, saber qual música você vai tirar de um LP (*long player*) – que na época não era CD, era LP.

Eu gostei muito da conversa dele. Ele *(disse)*: “Só tem um detalhe, você vai mudar o nome. Você vai passar uma semana, vai gravar uns trechinhos e eu vou fazer uma promoção, uma enquete! ‘Quem é essa mulher?’” E, nesse teste, para os ouvintes lá fora acostumarem ou saberem quem era, todo mundo dizia que era a Socorro Marques *(fala rindo)*.

Aí mudou o nome. Claro que foi muito difícil no começo. Porque o pessoal não se acostumava, os ouvintes... Diziam Socorro Marques... Mas ele era um cara muito inteligente, sabe? Eu sinto muita saudade dele.

Vinícius – Samantha, além dessa mudança do nome, ocorreu também alguma mudança no seu estilo como apresentadora?

Samantha – Na questão da apresentação, hoje, às vezes, eu converso com meu diretor *(Will Nogueira, diretor da Rádio FM 93, a quem Samantha chama de chefe)*... E eu sempre digo: “Eu não gosto que ninguém coloque palavras na minha boca”. E ele responde assim: “Que é isso, Samantha? Por trás de uma grande estrela tem que ter um diretor.” Realmente, se alguém tá trabalhando, você tem de estar ali perto, orientando, dando umas dicas, dizendo qual o melhor. Porque, às vezes, você fica perdida...

Ele *(José Elias)* me ensinou muita coisa com isso. Porque realmente eu era muito soltona, perdida. Porque eu nunca tive um diretor para se preocupar, a não ser esse senhor da Rádio Assunção *(Geraldo Fontenele)*. Ele me ensinou muita coisa, ele foi um grande diretor. Tanto que hoje eu digo para o Will que eles são muito parecidos. Porque o meu chefe *(ri)*, realmente, fica na cola comigo, dirigindo, aquela coisa toda.

Mariana – Você faria algum outro estilo de programa?

Samantha – Na realidade, meu grande sonho... Claro que não é voltar para AM... Numa

FM hoje eu não tenho condições de ter um programa como eu queria realmente fazer. Eu estou muito satisfeita, mas... O problema é o seguinte: devido ao nome, que se tornou muito popular, graças a Deus, gigantesco mesmo, quase uma marca, as pessoas me cobram mais. No rádio AM, quando as pessoas me pediam alguma coisa, eu tinha a liberdade de abrir o microfone e dizer: “Doutor fulano de tal, da empresa tal, o senhor está ouvindo o que eu estou passando aqui com esse ouvinte, que está precisando disso, daquilo e daquilo outro?” E raaapidamente aquilo chegava. Quer dizer, você imagina naquele tempo... E agora? Às vezes, eu digo: “Olhe, poxa, o meu nome está cada dia crescendo, graças a Deus, mas eu estou me sentindo sem poder fazer nada por aquele povo que está lá fora.”

As pessoas me cobram isso na política, mas eu acho que na política não dá certo. Eu podia ter um programa, tipo assim, Socorro nos Bairros... Socorro... *(todos riem pela troca do nome)* Samantha! Samantha Marques nos bairros *(ri de novo)*... Sei lá... Aquilo que eu sempre fiz. No rádio AM, eu fazia isso.

Bruno – Em 1985, você foi convidada pelo Will Nogueira para ir trabalhar com ele na FM 93. Como foi esse processo de se adaptar? Sair de uma AM para uma FM?

Samantha – Muito complicado! Mais um desafio. Esse, eu acho que foi um dos maiores. Porque você ter pavor a FM... Quando eu trabalhava na AM que chegava alguém falando de FM, eu detestava. Saía até de perto da pessoa. Dizia *(fala baixinho)*: “Como é que alguém consegue trabalhar na FM? Eu ouvi não sei o que, ouviremos não sei o que, hora certa... Ouvimos não sei o que, ouviremos não sei o que, hora certa”, que hoje eu chamo de “ouvimos e ouviremos”, que é tudo aquilo que o locutor não sabe dizer outra coisa. Então *(ri)*, eu queria me aperfeiçoar. Lá na FM, eu fui por uma questão de desafio. Mas garanto para vocês que, se no segundo ano que tivesse lá, a rádio não tivesse melhorado, não tivesse tido essa linha popular, com certeeza eu não teria ficado. Só se fosse por uma necessidade, mas eu não teria ficado.

Narjara – Você fala que os primeiros meses *(na FM)* foram muito difíceis. Que dificuldades foram essas?

Samantha – A primeira dificuldade foi trabalhar num programa cinco horas da manhã, que hoje é o Evaldo Costa *(apresentador do programa Informasom da FM 93, que vai ao ar antes do programa de Samantha)* que faz. O carro ia me pegar quatro e meia, talvez até mais cedo. Isso significava que eu me acordava três da manhã para me arrumar... Esse horário era crueeee! Minha mãe dizia assim: “Nossa senhora, esses anos todinhos trabalhando numa FM e agora tem de levantar também cedo.” Muito difícil a questão de você trabalhar cedo, sabia? Porque cedo você tem de estar com mais energia, muita energia, para você acordar aquele povo. Porque é do hospital, é padeiro, é mercearia abrindo, é o leiteiro na rua. Você tem de, realmente, fazer com que faça valer o seu momento ali, o seu

“Às vezes eu digo:
‘Olhe, poxa, o meu
nome tá cada dia
crescendo, graças a
Deus, mas eu tô me
sentindo sem poder
fazer nada por aquele
povo que tá lá fora’”

Para elaborar o material de pesquisa sobre Samantha, a produção escutou diversas vezes o Disque e Toque. Num dos programas, Narjara percebeu que o caso do Júri Popular tinha semelhanças com a história da apresentadora.

trabalho ali, a sua presença.

Vinicius – Samantha, falando em adaptação, você apresentou, logo no início da FM 93, o Stereo Show, que era um programa noturno, que tinha um tom mais intimista e você tinha de apresentar até, em certos momentos, de uma maneira mais sensual. Você já falou da questão dos valores morais, do que a sua família pensa. Como foi para você se adaptar à apresentação desse programa, levando em consideração esses valores morais?

Samantha – Mais um desafio! Quando eu saí do Informasom (*programa da rádio FM 93 que vai ar das 5 às 8 da manhã de segunda a sábado*), que era esse programa difícil – difícil, que eu digo o horário – eu cheguei para o Will Nogueira e disse: “Olhe, eu quero umas férias e não quero mais ficar nesse horário”. Aí (*disse*): “Não, mas isso não pode ser assim, Samantha. Olhe, eu apostei em você. Tem muitos projetos bons aí no futuro, que você vai se adaptar.” Porque eu não me sentia adaptada, não me sentia confortável. Não era mais aquilo que eu queria. (*Eu*) disse: “Foi bom, foi legal o convite. É um império isso aqui. Todo mundo gostaria de trabalhar aqui, mas eu não vejo futuro nenhum trabalhar nesse programa, até porque eu não aguento trabalhar nesse horário.” Foi quando ele me propôs... Eu fiz uma viagem por alguns estados do Brasil, e, principalmente, Rio, São Paulo. E, nessa viagem, ouvi tudo que foi rádio romântica... Só que eu não queria fazer só aquela questão da música antiga (*flashback*) porque não me interessava.

Você sabe que nas novelas tem muitas músicas românticas. Temas de novelas românticos, que eu sempre trabalhava na *Dragão do Mar*. E eu trouxe (*o estilo musical*) para o programa, juntamente, claro, com meu diretor. Ele disse: “Olhe, você vai fazer o Stereo Show. Eu vou lhe dar um programa à noite, que esse programa não tem para ninguém.” “À noite?” (*interpreta*) (*Will respondeu*): “Você vai ver como você vai gostar.” Voltei bem animada. Disse: “Sabe que esse cara tá certo?”

Bruno – Era que ano?

Samantha – Eu fiz o Stereo Show de 1986 até 1990. Foram quatro anos. Quatro anos em primeiro lugar. E o que eu achei mais incrível nesse tempo é que eu não dava prêmio a ninguém. Era só minha voz. Eu, simplesmente, me adaptei ao programa rápido. Só que eu sofri muito com assédio. Gente me deixando flores, deixando recadinhos... Propostas bem indecentes.

Uma vez, um grande empresário de Fortaleza – logicamente eu não vou falar (*o nome*) –, parou em frente à rádio e pediu para me chamar: “Chama essa moça aí.” Eu pensei que era assim alguma coisa diferente, que não fosse uma cantada. O cara pediu para que eu desse nem que fosse uma volta no quarteirão falando no ouvido dele. É mole uma coisa dessas? Eu fiquei tão passada! Eu estava com meu crachá aqui (*faz o gesto como se tivesse com crachá*), disse o seguinte: “O senhor tá vendo esse crachá aqui? Eu estou trabalhando. O senhor sabe o que é

“Mas, diante do que eu faço, sem ser política, o assédio já é enorme, imagine se eu entrar na política. E, mais um detalhe, eu queria entrar pra ajudar as pessoas, né?”

trabalhar? Olhe, se eu fosse o senhor, eu criava vergonha na cara, sabe? Não vinha abordar as pessoas que estão trabalhando.” (*Empresário disse*): “Não, é que você tem uma voz muito linda, uma voz muito sensual”. Eu disse: “Sim, mas isso aqui é o meu trabalho. Dá licença?” Eu sei que foi tão engraçado que, no outro dia, o cara mandou deixar umas flores na portaria (*da rádio*) pedindo desculpas porque nesse meio não era tão normal uma pessoa não se encantar por um cara de carro bonito, sabe? E se deslumbrar, até porque o cara achava que minha voz era sensual e isso e aquilo. Mas foi complicado...

Mariana – Então, você incorporou esse personagem de mulher sensual?

Samantha – Foi uma incorporação até meio trabalhosa (*risos*). Trabalhosa porque me rendeu muitas coisas chatas, desconfortáveis. São muitas histórias que aconteceram nesse programa, porque o programa era muito ouvido. Era (*ri*) meio aconchegante. E ainda teve propostas de um motel (*risos*)... Porque eu não gravo (*comercial de*) motel, nem nada de fumo, nem álcool. Eu não gravo nada disso. Desde quando eu entrei no rádio que teve esse pedido da minha família.

Narjara – E essa história do motel, como é que foi?

Samantha – Um motel, daqui de Fortaleza, queria que eu fizesse é... Vamos supor, os clientes iam entrando e eu ia fazendo aquela voz de Stereo Show no ambiente (*ri*). Eu lembro que, na época, foi tanta grana, gente, tanta grana (*ri*). Eu digo: “Meu Deus, como é que pode tanta grana que dava para comprar um carro zero”. Eu digo: “Não, não quero não. Aí o cara, realmente, ficou chateado por isso.

Narjara – Samantha, você já ficou um ano fora da FM 93 e foi para Jangadeiro (*emissora cearense de rádio e televisão fundada em 1990*). Por que você foi para Jangadeiro naquela época, o que lhe motivou? E o que lhe fez voltar tão rápido para FM 93, já que você passou só um ano?

Samantha – Quando eu fui para Jangadeiro,

Na história contada, um pai tinha saído de casa e estava em discussão se ele deveria ser aceito de volta pela família. Samantha, assim como em sua própria história, defendeu o perdão.

A entrevista foi marcada para o dia 22 de outubro de 2009, às 14h30, na Rádio Universitária. A produção e a fotógrafa esperaram ansiosamente a chegada de Samantha. Cada táxi que passava pela Av. da Universidade causava alvoroço!

Samantha chegou apertando nervosismo e cumprimentando todos os funcionários da emissora. Reencontrou o operador de áudio Zé Raimundo, com quem já trabalhou.



fazia quatro anos que eu estava no Stereo Show. Então, você tem de ter o cuidado de sentir até quando vai, até quando dá certo um projeto, um programa seu com aquele estilo.

O que acontecia lá (*na FM 93*) era o seguinte: "Poxa vida, estou há quatro anos aqui, tá muito bom e tal, mas eu não... Eu tenho de procurar outra coisa para mim". E não tinha um horário durante o dia... Na FM 93... E eu já achava que eu já estava merecendo, entendeu? Então, eu também não fui pedir. "Não, eu tenho de fazer haver alguma reviravolta aqui."

E esse namoro, essa paquera com a Jangadeiro tinha há muito tempo, desde quando a Jangadeiro tinha sido inaugurada. E esse dito diretor lá tinha sido o mesmo diretor daquela época que contratou o Zé Elias e me convidou para ir para a Dragão do Mar, que era o Tancredo Carvalho (*já falecido*). Então, eu dizia: "Seu Tancredo, como é que eu faço para sair lá da FM 93? Aquela empresa eu não posso deixar assim de uma hora para outra". Ele disse: "Ah! Mas acontece que... Poxa vida, eu já fui tão legal com você e tal. As minhas propostas sempre são boas. Você lembra daquela época que deu tão certo com o José Elias? Naquela época que mudou o seu nome e tal".

Quando foi numa sexta-feira, eu decidi num almoço com a direção da Jangadeiro. Claro que rolou um dinheirinho para ir, algumas mordomias lá dentro. Afinal de contas, naquela época, era um estouro o Stereo Show e eles estavam me contratando como uma grande profissional que vai abalar mesmo... O horário também era à noite. Só que é o seguinte: os programas ficaram muito parecidos. Tinha gente que ouvia a 93 pensando que era eu.

Eu sentia muita saudade da FM. Eu chegava a chorar. Quando foi um dia minha mãe me pegou chorando e disse: "Minha filha, por que é que você tá chorando? Você tá tão bem. A empresa lá lhe paga melhor ainda". Porque eu fui com um salário melhor, né? Tudo que uma estrela (*ri*) convidada tem direito.

Então, quando eu pegava o carro que eu vinha embora, nessa época já tinha melhorado um pouquinho, já tava de carro (*risos*)... Quando foi um belo dia, eu ia passando e tinha um motorista de táxi que olhou assim e disse: "Mas é a senhora que tá aí?" Porque esse taxista ia muito na 93. "Sou eu." "Mas eu tô ouvindo a senhora." Eu disse: "Não, não estou mais na 93". Eu comecei a ver que o pessoal não tinha se acostumado ainda, sabe?

Mariana – Mas você disse que chorava. Cho-

rava por quê? Insatisfeita?

Samantha – Lá na Jangadeiro eu era muito bem tratada, tinha uma secretária, eu tinha assessores, eu tinha tudo! Tinha aquele dinheirinho que sobrava, mas eu não era feliz! Não era aquilo que eu queria, sabe?

Lá (*na Jangadeiro*) eu conquistei muita gente, muitos ouvintes, mas eu tinha uma dor de cotovelo danada pela FM 93 (*ri*)! Eu chorava de saudades! A gente sempre tinha aquele almoço com cantores, com diretores, aquela coisa toda de trabalho... Lá eu me encontrava com o Will, com meu chefe. E ele dizia assim: "Vamos voltar, vamos voltar!" E eu: "Não, Will, eu não posso não, estou chegando agora". Eu tinha como se fosse um moral com o "seu" Tancredo, porque eu queria muito bem a ele. Mas depois eu vi que não dava, que eu não me adaptava. E, com um ano, exatamente um ano que eu estava lá, eu pedi pra sair. Só que eu não disse que era pra 93. Mas valeu muito a experiência, valeu muito porque eu me dou com muita gente de lá, sou feliz por essa mudança (*risos*)!

Vinicius – Nesse período, você começou a experimentar maior sucesso e seu nome começou a ficar mais conhecido. Você já falou dos aspectos positivos e negativos do sucesso. Que tipos de histórias já inventaram sobre você e a que você atribui isso?

Samantha – Ave Maria! As piores histórias do mundo! As pessoas me falam que eu tenho filho (*Samantha não tem filhos*)... Me falam não! Falam para os outros, né? Têm horas que você falta pouco pra acreditar: "Será que eu tenho um filho?" (*risos*). Eu ia em um táxi uma vez aí o motorista chegou pra mim e disse: "Que bom, dona Samantha, encontrar a senhora!", (*e eu respondi*): "Ah, o senhor trabalhou na Dragão do Mar! Que bacana! Prazer revê-lo!", (*ele disse*:) "Olhe, dona Samantha, a minha filha tá tão feliz porque estuda no colégio que a sua filha estuda!". (*risos de todos*). Eu fico tão sem graça, gente, pelo amor de Deus! Eu disse: "Minha filha? O senhor tem certeza?", (*o taxista disse*:) "É, sua filha. Mas olhe ela faz tanta propaganda lá na escola...". Eu disse: "Rapaz, preciso saber dessa história!". Era realmente uma menina, que era tão obcecada por mim e não tinha mãe, ela só tinha a avó. E ela botou na cabeça... Eu tive de ir lá no colégio, falar com a orientação pedagógica infantil. Então, quer dizer, é um constrangimento terrível, sabe?

Outra coisa: uma certa vez um cara ligou: "Chame aí a minha mulher!", bem brusco. Realmente, telefone de atendimento eu não atendo. Então, quem ligar para o telefone 3261-2323 (*número que os ouvintes ligam para participar da programação da FM 93*) não tem nenhum vínculo familiar comigo, com certeza, não é isso? Ou vai ter o meu celular ou o telefone da minha casa, o que é uma coisa muito óbvia, né? Aí a menina chega assim, toda cheia de dedos, porque sabe que eu não tenho marido (*ri*), nem namorado eu tinha: (*imita a telefonista falando baixo*) "Samantha, tem um rapaz ali no telefone que tá querendo que chame a senhora, que a senhora é a esposa dele". E eu (*levanta o tom da*



No estúdio, há uma janela de vidro que dá para o espaço do operador de áudio. De lá, uma funcionária da rádio observava a entrevista. A fotógrafa, então, atendeu aos acenos da moça e descobriu se tratar de uma fã de Samantha.

voz): "Que história é essa, hein? Pois me chame agora!". Aí fui lá, só que é assim, quando eu ia atender, o cara desligava.

E têm longas e mais longas (*histórias*). Se for (*contar*) é a noite todinha aqui! Gente, isso é (*fala separando as sílabas*) cons-tran-ge-dor! Olha, eu me revolto com isso, sabia? "Meu Deus, será que pra fazer sucesso eu tinha que passar por isso?"

Geimison – Samantha, então veio o Disque e Toque que foi uma certa quebra, no próprio formato, uma relação de diálogo com o ouvinte, de amizade. E o programa está há 14 anos no ar. Foi nesse formato que você realmente se encontrou?

Samantha – Realmente é. Toda vida que eu vou fazer uma retrospectiva de todos os programas, de várias coisas que eu fiz no rádio, todos eles, em cada quadro que eu fazia, em cada participação, em cada programa, teve o seu valor, o seu momento certo de aplausos e de sucesso. Claro que agora, graças a Deus, ele aumentou, né? Mas, na realidade, eu sempre fui muito, muito, muito querida no rádio. Tudo que eu fiz no rádio deu certo.

Quando chegou no Disque e Toque, juntou tudo que eu já fiz, nesse tempo todo, nessa trajetória toda... Isso ajudou a consolidar cada dia mais o meu nome. Quando eu voltei da Jangadeiro – aí já questão da transição que você diz, da mudança – eu cheguei e disse assim: "Will, eu vou fazer um horário à noite?" Ele disse: "Não, aquela época já passou". Quer dizer, exatamente aquilo que eu pensava antes, que ia ter uma mudança, que eu precisava dessa mudança, então chegou a hora certa. Por isso que eu digo que essa mudança da Jangadeiro foi também uma dádiva de Deus, foi uma bênção. Quando eu cheguei na FM (93), eu fui fazer uma hora só, uma hora só de programa – na época era o Disco Show. Eu fui e falei assim: "Puxa vida! Eu vou mudar para a tarde? Eu vou ter um programa à tarde? De uma hora? Isso não existe!" (*fala mostrando exaltação*). Porque teve pesquisa para... Eles fizeram uma pesquisa e eu ganhei em primeiro lugar como comunicadora da voz que precisava durante o dia, porque até aí só era voz masculina.

Então, comecei a fazer o Disco Show um pouco desanimada, porque também não era aquilo que eu queria, e o Will chegou e perguntou se eu poderia fazer um programa. Tipo assim: um locutor saía de férias, se eu podia fazer, já que eu tava trabalhando só uma hora, né! (*risos*). Então, eu falei: "Bom, tudo bem". Aí (*pensava*): "Ah, esse cara quer me testar, né? Colocar nos horários todinhos do dia para poder me testar, pra saber se vai ter audiência". Dito e feito. Fui para um horário e era ligação atrás de ligação (*dos ouvintes*), tá entendendo? Fulano tirava férias e eu fazia o programa (*dele*) e fazia o meu! E assim eu fui fazendo e com menos de três anos ele me faz o convite pra ir para o Disque e Toque, porque ele só confiava esse programa a mim. Ele (*Will*) realmente fez do Disque e Toque um programa legal.

Na realidade, o Will está aí para me orientar,

orientar todos os locutores e cabe a eles (*locutores*) se impor ou não. Eu digo: "Adoro você, mas, por favor, tem umas coisas que não dá! Vamos combinar direitinho, já que a gente se dá tão bem, a gente tem mais de 20 anos juntos nessa batalha, então vamos combinar aqui". Ele aceita algumas coisas que eu faço, e o que eu não faço, eu não gosto, e eu chego lá e digo, sabe?

Emília – Hoje, o estilo do Disque e Toque desperta sentimentos nos seus ouvintes. A questão do carinho, da intimidade, da motivação. É só o carisma ou existe um treino, um aperfeiçoamento ao longo de tanto tempo de carreira?

Samantha – Não, não, de jeito nenhum. Aquilo tudo ali é tudo natural! Só é bom porque é natural. Porque, como o programa é pra atender aos anseios da população, de necessidade... Ainda hoje uma (*ouvinte*) me disse assim: "Samantha, só em falar com você – a mulher já tava chorando –, só em falar com você já é um grande presente".

Yuri – Samantha, vendo essa sua atenção e essa relação próxima com o seu ouvinte... Foi daí que surgiu o slogan que diz "a sua maior e melhor amiga"?

Samantha – "A maior amiga" foi o Will Nogueira. Assim que eu cheguei e comecei a fazer o Informasom, em 1985, ele chegou pra mim: "Você nunca fala que Samantha Marques é isso...". Eu sempre tive vinheta que dizia (*fala como se fosse uma vinheta*) Samantha Marques. (*Will disse:*) "Eu vou colocar: Samantha Marques, a sua maior amiga". Eu não sei como é que foi lá, depois, que eu falando: "Aqui é Samantha Marques a sua maior e melhor (*ênfatisa*) amiga". Um dia, eu brincando: "Não é importante ser só a maior, é ser a melhor também". Isso ficou: maior e melhor amiga. É tanto que hoje, ele (*Will*) mesmo que fez esse slogan pra mim diz: "Samantha, isso tá tão cansativo", mas as pessoas me cobram isso a toda hora. Quer dizer, aquilo que você acha às vezes que tá cansativo, o ouvinte já está acostumado.

Janaina – Samantha, você falou bastante da vida profissional, da comunicadora e das tantas



A moça não pode esperar até o final da entrevista, mas deixou o nome dela e de toda a família para que Samantha escrevesse um recado e autografasse. Ao final da entrevista, o pedido foi atendido.

Samantha ainda autografou o caderno de Bruno, um dos entrevistadores. Ele disse que o autógrafo era um pedido da mãe dele... Todos nós acreditamos, Tapioco!

Muitos alunos do curso de Comunicação Social pediram para acompanhar a entrevista com Samantha. Débora Me-deiros, então no 8º semestre de Jornalismo, foi a única que assistiu. Ela havia indicado Samantha quando fez parte do Laboratório de Jornalismo Impresso.

emoções que ela causa no público. Então, falando em “são tantas emoções”, a gente sabe que você é uma grande fã do “lindinho” (Roberto Carlos)...

Samantha – Ai, eu já tava pensando que não iam me perguntar disso (risos)!

Janaina – Como é a Samantha fã?

Samantha – A Samantha fã é supercobrada e bem na dela, e eu sofro por isso. Porque todo fã gosta de (falar): “Eu sou fã! Eu visto a camisa pra ir pro show!” Quando eu chegava nas rádios eu ficava chateada porque eu não tinha bola nenhuma pra chegar pro diretor e dizer assim: “Deixa eu tocar Roberto Carlos, deixa eu falar do Roberto Carlos” (ri), isso de graça, né?

A minha forma de ser tiete é a mais cruel, porque você ser uma pessoa pública... A minha irmã discute muito comigo: “Samantha, quando tu tá lá no show do Roberto Carlos tu é a Socorro, pelo amor de Deus! Tu não é Samantha pra tu estar se escondendo porque tá chorando, porque tá pulando (ri), porque tá gritando ‘Meu rei’, ‘Meu lindinho’”. Mas, gente, eu tenho uma vergonha tão grande (ri)... Porque eu já fui criticada uma vez num show do Roberto Carlos no Paulo Sarasate (*ginásio de Fortaleza*) porque eu estava com a camisa do Roberto Carlos. Agora, engraçado, eu fiz aquilo ali porque eu quis comungar com todo pessoal do Planeta Rei (*fã-clube de Roberto Carlos do qual Samantha é madrinha*) que estava lá e que eu (*ênfatisa*) gostava do Roberto.

Eu sinto uma emoção muito grande pelo Roberto Carlos ao ponto de ficar doente. Tem um show que eu não fui porque eu estava doente, eu fiquei doente de tanta emoção. Por quê? Porque, engraçado, tudo que ele passa na vida, aquela sensibilidade toda, eu acho parecida comigo. As manias parecidas comigo. Só que isso eu não vou sair por aí divulgando porque muita gente faz igual. Eu sofro porque eu tenho de ficar na minha, como profissional. Eu não acho bacana ficar alardeando pra todo mundo que eu sou fã do Roberto Carlos e não sei o quê, mas falo dele gratuitamente. Já teve um encontro, o encontro que não houve, no Rio de Janeiro. Eu fiquei muito emocionada... Todo mundo estava querendo que eu fosse falar com o Roberto e, na hora, eu fiquei totalmente como se estivesse presa no chão.

Narjara – Voltando um pouco para o Disque e Toque, para o Júri Popular, que é um quadro que traz histórias dos ouvintes. O que você acha que ele representa para o público?

Samantha – Eu acho que esse quadro representa exatamente o que eu gostaria de fazer: ajudar as pessoas. Naquela hora, eu não gostaria de estar só eu ali, não. Gostaria que tivesse uma tribuna inteira para estar debatendo. Quando eu falo de um drama ali, de um problema, de um caso, é impressionante, mas todo mundo já passou. É exatamente a carta que é real. E tem muita gente que acha que não é, pensa que não é verdade. Na realidade, as cartas são muito mal-elaboradas, muito mal-feitas porque são pessoas que... Pessoas pobres mesmo, pessoas que sofrem mesmo. Aquela coisa de

dificuldade, de crueldade, de problema de tudo, tudo que você possa imaginar. E a função do Júri Popular é um alerta, um conselho.

Mas existe uma polêmica muito forte em relação a isso ao ponto de uma senhora, uma vez, ficar no telefone comigo e dizer que aquela história estava sem pé e sem cabeça. (*Eu disse:*) “Se a senhora acha que a história está sem pé e sem cabeça, a senhora não acredita em mim, que durante esses trinta e tantos anos que eu trabalho ninguém deixou de acreditar até agora, então, se a senhora é a única que não acredita, a senhora tem livre arbítrio para mudar de rádio! A senhora ouça o que a senhora quiser e o que a senhora acreditar, né?” Então eu disse isso no ar porque eu fiquei muito chateada.

Geimison – Samantha, vários radialistas entraram na política, seguiram esse rumo. E você é uma líder de audiência e teria uma eleição garantida facilmente. Você já cogitou essa possibilidade? Já recebeu convite?

Samantha – Já. Muuitos convites. Muuitos. De almoçar com tal partido, tal partido dizer que eu vou ganhar de primeira – e eu poderia muito bem me deslumbrar. Mais uma coisa que eu acho que eu tenho é pé no chão. Algumas pessoas da minha família dizem: “Mulher, tu quer comparar o teu salário, o que tu ganha com negócio de comerciais? Você tá muito satisfeita, ganha razoavelmente bem, mas, é lógico, você quer comparar com ser deputada? Ser senadora? Ser vereadora?”. E eu sempre dizia: “Se um dia eu for enveredar para esse lado de política, eu vou começar do jeito que eu comecei a minha vida profissional, desde o comezinho. Ser vereadora... Deu certo, vai subindo um pouquinho, subindo um pouquinho, vai subindo... Ou então, não vou”. Porque eu acho que nada você tem de construir lá do topo.

Foram convites que valiam à pena de me dar todo o suporte. Mas, diante do que eu faço, sem ser política o assédio já é enorme, imagine se eu entrar na política. E, mais um detalhe, eu queria entrar pra ajudar as pessoas, né? Não estou fazendo média nenhuma aqui. As pessoas não acreditam que você possa ser simples ou ser generosa com alguém, sem ser o “toma lá dá cá”. Chegam muitos políticos pra mim: “Samantha, do jeito que você é não dá pra entrar na política, porque você nunca vai conseguir fazer uma coisa sozinha lá. Você vai ter de ter sempre alguém junto com você em um projeto que você quer fazer. Não vai depender só de você”. A não ser que eu pegasse o meu salário todinho de política e fosse ajudar, né?

Priscila – O que alimenta essa sua paixão de tanto tempo pelo rádio?

Samantha – A minha mãe, uma vez, falou assim: “Minha filha, as artistas que são tão ocupadas na vida, estão toda hora diante das câmeras, diante de fotógrafos, diante de viagens... Não tem filhos, não dá pra conciliar tudo?” Mas, sinceramente, eu acho que foi porque eu quis tanto me dedicar ao rádio, que eu esqueci desse lado... Não é de ser feliz! Eu esqueci desse meu lado pessoal que a mulher tanto se preocupa, quer logo pensar em filho. Talvez eu tenha sido

Quando a entrevista foi realizada, o Museu de Arte da UFC exibia o trabalho do pintor Stênio Burgos. E foi diante de um quadro do artista que Samantha posou para a foto que abre essa entrevista.

até covarde, né... Porque com tantos desafios que eu topei no rádio, não ter topado também o desafio de me casar, de ter filhos. Deus escreveu, determinou... Ou eu seria uma mãe dedicada demais ou não seria uma boa mãe, não sei. Mas a minha relação com o rádio é forte, muito forte. Eu queria muito que um dia, alguém que me substituisse tivesse a mesma dedicação.

Às vezes tem pessoas que, na hora que eu tô naquela mensagem (*no começo do Disque e Toque, Samantha lê uma mensagem de incentivo para os ouvintes e termina dizendo: "Hoje, tudo vai dar certo... Já deu!"*), pensam: "Essa mulher deve ser muito feliz da vida. Não tem nenhum problema". E eu tenho. Todos nós temos, né? Mas naquela hora, o meu papel ali é levantar quem está desanimado, quem está com problema. Então, puxa vida, se eu chegar ali desanimada não tem graça! (*ri*)

Priscila – Samantha, a gente vê que você deixou de fazer muita coisa por causa do rádio. Existe algo que faria você deixar o rádio?

Samantha – (*Silêncio*) É tão difícil essa pergunta!

Vinícius – Então eu queria acrescentar: você já pensou em como sair do rádio?

Samantha – (*Diz enfática*) De jeito nenhum! Dá até vontade de chorar (*voz embargada*)! Eu nunca pensei em sair do rádio, gente. É impressionante! É tanto que hoje, meu noivo chega e diz: "Você não vai deixar o rádio por mim!", (*e eu respondo:*) "Meu filho, pensa bem... Vai chegar o momento certo". Deus, com certeza, vai me dar o momento certo de sair do rádio, mas eu não estou preparada, gente, não estou. Você vai dizer assim: "Ah, já sei! É por causa das regalias, é por causa do assédio, é porque é bom", claro que é bom! Isso é bom demais! Me incomoda, muitas vezes, mas é até um incômodo gostoso. Mas eu não quero deixar o rádio, me sinto até vazia só de falar nesse assunto. Mas Deus tem o Seu tempo para tudo e eu acho que um dia vai chegar uma substituta, né, e Deus com certeza vai me dar essa preparação e vai dar tudo certo.

Mariana – Você se arrepende de alguma dessas renúncias que fez pelo rádio?

Samantha – Na realidade, até hoje eu não me arrependi, gente. Até agora, realmente eu não me arrependi. Porque foi uma escolha... Uma opção... E eu acho que Deus determinou assim. Eu falo sempre em Deus porque eu acho que nada se resolve sem Ele. Tudo que Ele determina é para o seu bem, é porque não tinha de acontecer, né? E eu também ajudo a muitas crianças, mesmo da minha família eu ajudo muita gente e tem hora que eu me sinto mãe de tudo que é gente, de tudo que é criança (*ri*). Tenho tantos ouvintes crianças... Nossa Senhora! Eu me sinto superemocionada quando eu vou num local que eu digo: "Puxa vida! Eu pensei que tinha pessoas da minha faixa etária". E chego lá os jovens, crianças dizendo que acham bom me ouvir. Eu acho isso supergratificante! Acho que não tem dinheiro que pague esse reconhecimento, esse assédio, esse amor, esse carinho, sabe? (*Samantha se cala por um instante e se emociona: "Eu me emociono... Muito!"*)



“Eu sempre fui muito rádio mesmo. Eu sempre fui muito povo. Eu sempre gostei de estar no meio dos meus ouvintes. Eu sempre gostei de estar perto deles”

Ao final da entrevista, Samantha mencionou a insistência da equipe de produção, que estava sempre mantendo contato para pedir informações e marcar encontros. Além disso, parabenizou o professor Ronaldo Salgado pelo projeto.

A edição da entrevista foi um momento bem cansativo. “As meninas da produção” passaram um feriado inteiro em frente ao computador. Com a companhia de biscoitinhos doces e salgados, além de esfirras, tiveram que organizar a entrevista.